



ACARAJÉ, PÃO QUE ALIMENTA: SOCIOLINGUÍSTICA, DIALETOLOGIA E FORMAÇÃO DISCURSIVA

Adelino Pereira dos Santos¹ (UNEB)
adesantos@uneb.br

RESUMO: Neste trabalho apresentamos uma reflexão sobre a complexidade no tratamento metodológico dos dados da Sociolinguística e da Dialetologia ante a emergência das redes sociais virtuais de comunicação e o uso intensivo dos equipamentos eletrônicos da contemporaneidade. A partir da análise de uma carta que circulou nas redes sociais virtuais, a exemplo do *Facebook*, no fim de fevereiro e início do mês de março de 2016, em que uma representante do Candomblé, religião afrobrasileira, contesta o uso do termo acarajé usado pela Polícia Federal para denominação da 23ª fase da Operação Lava Jato, propomos o conceito de formação discursiva, conforme defendido por Pêcheux (1997) como um possível contraponto tanto para a Sociolinguística quanto para a Dialetologia ao considerarem os aspectos ideológicos subjacentes ao uso dos termos linguísticos nos procedimentos de coleta e análise dos dados.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Dialetologia; Formação Discursiva; Redes sociais virtuais.

ABSTRACT: In this paper we present a reflection on the complexity of the methodological processing of data of Sociolinguistics and Dialectology at the emergence of virtual social networks and the intensive use of electronic equipments nowadays. From the analysis of a letter that circulated in virtual social networks, like Facebook, at the end of February and beginning of March 2016, in which a representative of the *Candomblé*, Afro-Brazilian religion, disputes the use of the term *acarajé* used by the Brazilian Federal Police to designate the 23rd stage of the *Lava Jato* Operation, we propose the concept of discursive formation, as advocated by Pêcheux (1997) as a possible counterpoint to both sociolinguistics as to Dialectology to consider the ideological aspects underlying the use of linguistic terms in procedures for collecting and analyzing data.

KEY WORDS: Sociolinguistics; Dialectology; Discursive Formation; Virtual social networks.

1 A dificuldade no tratamento dos dados da Sociolinguística e da Dialetologia ante a emergência das redes sociais virtuais e do manuseio intensivo dos equipamentos eletrônicos da contemporaneidade

Que procedimentos metodológicos se devem adotar para o tratamento dos dados da Sociolinguística e da Dialetologia ante a emergência das redes sociais virtuais e do

¹ Doutor em Letras. Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: adesantos@uneb.br



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLLICA

uso cada vez mais amplo e contundente das tecnologias de informação e comunicação? Neste artigo, propomo-nos a refletir sobre a complexidade do uso generalizado e popular das mídias eletrônicas e digitais sobre os procedimentos metodológicos da Sociolinguística e da Dialetologia para, finalmente, apresentar um exemplo da análise discursiva do termo *acarajé*, que ganhou destaque nas mídias quando utilizado para denominação da 23ª fase da Operação Lava Jato. A consideração sobre os aspectos ideológicos subjacentes ao uso de um termo poderá se constituir em uma variável possível a ser considerada tanto pela Sociolinguística quanto pela Dialetologia, no sentido de também mensurar o impacto das mídias eletrônicas e digitais sobre o uso dos elementos linguísticos.

No âmbito da Sociolinguística há o reconhecimento da importância das variáveis não linguísticas para o tratamento da variação. Contudo, ainda não se pode precisar, com exatidão, até que ponto o uso generalizado e popular das mídias eletrônicas e digitais tem contribuído significativamente ou não para maior estabilidade no processo de dialetização do português brasileiro. Sabemos que fatores internos e externos à língua não agem isoladamente, interrelacionam-se complexivamente para inibir ou favorecer a variação linguística. Mollica (2004, p. 27) apresenta como problema relevante até hoje sem solução o questionamento sobre o impacto da mídia sobre as características do português brasileiro:

São bastante avançados os estudos que correlacionam as variáveis sexo/gênero, idade, escolaridade e classe social, dentre outras, a fenômenos de uso na fala e na escrita. Mesmo assim, não nos parece ainda possível dar como concluída a discussão acerca de um efeito padronizado dessas variáveis sociais com vistas a responder a algumas questões, a saber: a) o grau alto de escolarização concorre para um comportamento lingüístico ajustado ao padrão culto? b) o gênero feminino é mais conservador do ponto de vista da norma? c) há uma relação entre estigmatização sociolingüística, *status* e mobilidade social? d) qual o impacto da mídia sobre a variação lingüística?



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLLIKA

A esses questionamentos, elencados na citação acima, Mollica (2004) começa por responder, sucintamente, que a correlação desses e de outros pontos, variáveis não linguísticas, a fenômenos de variação não são necessariamente novos na pesquisa sociolinguística porque já na segunda metade do século passado diversos pesquisadores investigaram o efeito de fatores sociais sobre os traços das línguas naturais, com destaque para: 1 – a correlação entre escolarização, classe social e estigmatização; 2 – os impactos do letramento sobre a fala, para o estabelecimento de padrão e normas linguísticas; 3 – correlação de valores sociais a fatores que impulsionam certo “mercado linguístico”, que podem ter impacto significativo sobre aspectos da norma linguística e sobre o perfil sociolinguístico dos falantes.

Não podemos afirmar, todavia, que essas categorias possam ser objetivamente mensuráveis, como nos lembra Mollica (2004), já que as pesquisas da Sociolinguística, até o presente momento, não apontam resultados surpreendentes, nas palavras da autora, no que se refere a variáveis como a posse e uso de bens materiais, acesso a bens culturais e, acrescentamos, inserção nas redes sociais virtuais de comunicação, assim como posse e uso intensivo de aparelhos eletrônicos como *tablets*, *smartphones* etc., acesso irrestrito a canais de TV a cabo e à rede mundial de computadores, entre outras facilidades de comunicação dos dias atuais. No campo da Sociolinguística a busca por um procedimento metodológico seguro para o tratamento dessas variáveis ainda permanece.

No campo da Dialetologia, a reflexão sobre o impacto das redes sociais virtuais e sobre o uso intensivo dos modernos equipamentos de comunicação implica considerar os três aspectos básicos da pesquisa dialetal: a rede de pontos, os informantes e os questionários. No que se refere à rede de pontos, os pesquisadores devem encarar o desafio de estabelecer com precisão a área geográfica que, a depender da pesquisa, pode abranger desde um povoado a um país inteiro ou até um continente. O critério de consideração das áreas isoladas como prioridade para as pesquisas de cunho dialetal, como se fazia nos estudos iniciais da Dialetologia, não tem mais razão de ser devido às mudanças no perfil da população brasileira (e mundial), pelo intenso processo de



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLICA

urbanização da sociedade brasileira e mundial a partir da segunda metade do século XX e pela alta densidade demográfica nas capitais dos estados e regiões circunvizinhas, formando os grandes núcleos metropolitanos, mais recentemente.

O intenso fluxo de pessoas, em movimentação do campo para as cidades e dos pequenos centros urbanos para as regiões metropolitanas, trouxe, sem dúvida, a dificuldade de demarcação precisa dos espaços geográficos para efeito de caracterização dialetal do português brasileiro. Nestes primeiros anos do século XXI o uso intensivo e generalizado das redes sociais virtuais de comunicação, aliado à onipresença das diversas redes de televisão, da *internet* em banda larga e à popularização dos aparelhos eletrônicos de acesso à rede mundial de computadores parecem promover *um lugar comum* que é, ao mesmo tempo, um *não-lugar específico*. Para Cardoso (2010) o objetivo precípua da pesquisa dialetal é o registro do fato linguístico tal como ele foi recolhido em lugar determinado e sob certa circunstância. No contexto contemporâneo, no entanto, a dificuldade está, justamente, em circunscrever o espaço, isto é, definir com segurança o lugar de ocorrência de um fato linguístico, quando se levam em consideração o perfil e as redes de relações sociais (incluindo-se aí as virtuais) dos informantes.

Qualquer que seja o procedimento metodológico, sistema ou programa eletrônico de análise de dados, estes não são suficientes para demarcar os limites (e as consequências) das experiências dos informantes, ativas ou passivas, através das redes sociais virtuais de comunicação. Também, os critérios tradicionais até agora utilizados para a caracterização do perfil dos informantes nas pesquisas tanto da Sociolinguística quanto da Dialetologia, como sexo, idade, lugar de nascimento e moradia, grau de escolaridade, origens e posições sociais dos familiares, redes de relações sociais etc., embora fundamentais, não dão conta do complexo trabalho de associação dos dados à ocorrência dos fatos linguísticos; mesmo que se levem em consideração, nas pesquisas sociodialetais, a conjugação de fatores da diversidade espacial com as vivências socioculturais dos informantes, e por mais minucioso que possa ser o procedimento metodológico para coleta e análise dos dados. Nesse sentido, Cardoso (2010, p. 95)



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLLICA

aconselha que a pesquisa dialetal deve considerar, conjuntamente, as características psicológicas, os aspectos da fonação e as experiências socioculturais dos informantes, tais como essa autora as enumera:

- (i) indicação de tipos de diversão (cinema, shows, teatro, futebol e outros e grau de frequência.
- (ii) leituras que fazem (revistas, jornais, livros), apurando-se com que sistemática;
- (iii) acesso aos meios de comunicação;
- (iv) religião que praticam pois, como se vem observando, determinados comportamentos linguísticos refletem a metodologia da prática e do ensino religiosos de certos grupos.

Como conciliar tudo isso às vivências virtuais dos informantes? Ou, mais ainda, como elaborar questionários que sejam capazes de conjugar com fidedignidade todos esses fatores?

Ainda segundo Cardoso (2010, p. 95) “a recolha de dados de carácter dialetal se faz mediante a aplicação de questionário ou através do registro de conversa livre”, adequando o instrumento de pesquisa aos objetivos, à delimitação do objeto de investigação, à área investigada e ao perfil sociocultural do informante. A recolha dos dados pode ser feita por gravação ou por anotação simultânea à conversa/entrevista. Ao questionário devem-se juntar, ainda segundo Cardoso (2010), anotações complementares: a ficha de dados do informante e a ficha de dados sobre a localidade. Por mais objetividade e precisão que se tentem dar a esses instrumentos de coleta e registro de dados, a questão que reafirmamos, no entanto, é: que critérios de análise dos dados serão capazes de mensurar as experiências e aquisições linguísticas do informante através das múltiplas vivências nas redes sociais virtuais de comunicação e pelo manuseio intensivo dos equipamentos eletrônicos contemporâneos? De que maneira tais instrumentos de pesquisa serão capazes de “captar” os aspectos ideológicos subjacentes



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLLICA

aos atos de interação linguística, sejam virtuais ou das conversações face a face? Ainda que a percepção dos aspectos ideológicos possam não ser de interesse imediato da Sociolinguística e nem da Dialetologia defendemos que estes são significativos e têm implicação quanto à recolha, registro e análise dos dados das pesquisas sociodialetais. É justamente sobre esse último assunto que refletimos na próxima seção, quando apresentamos uma análise discursiva do termo *acarajé*, a partir de um documento que circulou nas redes sociais virtuais, a exemplo do *Facebook*, no fim de fevereiro e início do mês de março de 2016.

2 Os sentidos do termo *acarajé*, a partir de duas formações discursivas

O conceito de formação discursiva tem sido bastante produtivo na Análise de Discurso de linha francesa (AD). Deixando de lado as polêmicas e controvérsias sobre as origens do termo, neste artigo nos utilizamos do conceito de formação discursiva tal qual apresentado por Michel Pêcheux (1997) em meados da década de 1970, como diretriz para análise de um documento que circulou nas redes sociais virtuais, denominado de *Carta de Mãe Beata de Iyemonjá às autoridades sobre o uso da palavra acarajé*, datado de 29 de fevereiro de 2016. Uma semana antes dessa data, na segunda-feira 22, o Ministério Público e a Polícia Federal, sob o comando do Juiz Sérgio Fernando Moro, da 13ª Vara Criminal Federal de Curitiba/PR, deflagraram a 23ª fase da Operação Lava Jato, que investigava processos de corrupção por desvio de verbas da Petrobrás, por políticos, empresários, executivos e funcionários de grandes empreiteiras do país.

As fases da Operação Lava Jato colocaram em circulação na mídia nacional diversos termos, às vezes inusitados, quando denominados pela Polícia Federal para identificar as operações específicas desse processo investigatório. Os termos foram escolhidos por alguma correlação de sentido com os investigados, seja pela sua etimologia, seja por qualquer outro aspecto semântico-cultural. No caso da 23ª fase da Operação Lava Jato, o termo utilizado pela Polícia Federal foi *acarajé*, como referência



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLLICA

à naturalidade de dois dos investigados, o casal baiano João Santana e Mônica Moura, presos temporariamente a mando do juiz Sérgio Moro; e, em segundo lugar, porque o termo foi utilizado por funcionários e executivos da empreiteira Odebrecht, bem como pelo engenheiro Zwi Skornicki, representante oficial no Brasil do estaleiro Keppel Fels, também preso nessa operação, como sinônimo de propina paga em dinheiro a funcionários do alto escalão da Petrobrás e da empresa Sete Brasil. A repercussão da operação, e consequentemente do termo que a denominou, se deu principalmente porque o publicitário João Santana foi o “marqueteiro” responsável, no Brasil, pela propaganda das campanhas presidenciais de reeleição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2006, e das campanhas da presidente Dilma Rousseff, de 2010 e 2014.

Essa descrição do contexto sócio-histórico e ideológico de ocorrência do termo *acarajé* é importante para a compreensão do conceito de formação discursiva, conforme definida por Pêcheux(1997). Esse autor sustenta que o sentido de uma palavra, de uma proposição ou de um enunciado vão além da relação destes com a literalidade do significante. Há um *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados em relação constitutiva com aquilo que ele chamou de “o todo complexo das formações ideológicas”. Pêcheux (1997) afirma que o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, mas que este é determinado pelas posições ideológicas do contexto no qual as palavras são enunciadas: “as palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1997, p. 160). Isto quer ainda dizer, segundo esse autor, que as palavras *adquirem* o seu sentido em referência ao jogo ideológico que se estabelece na relação dos sujeitos com os processos sócio-históricos em que se inserem. Pêcheux (idem) apresenta, então, o conceito de *formação discursiva* como

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.).



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLLIKA

O contexto sócio-histórico da 23ª fase a Operação Lava Jato permitiu o aparecimento do termo *acarajé* com o sentido de propina paga em dinheiro. Esse caráter material do sentido do termo, ainda na expressão de Pêcheux (1997), foi adquirido no interior dessa formação discursiva, conforme conceito apresentado por Pêcheux (1997) na citação acima. O contexto sócio-histórico da 23ª fase da Operação Lava Jato pôs em funcionamento esse *novo* sentido do termo *acarajé*, confirmando o alcance da formação discursiva como o lugar de constituição de sentidos. Esse novo sentido do termo *acarajé* passa a circular, em funcionamento em diversos textos, em uma relação interdiscursiva com os acontecimentos que lhe deram origem, conforme aparece no *site* da revista Época no dia 26 de fevereiro de 2016, como ilustração da capa da versão impressa² que seria distribuída aos assinantes e vendida em bancas de jornal e lojas de variedades em todo o país, conforme transcrevemos como figura 1, a seguir:

² Disponível em <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/02/joao-santana-o-fim-do-feitico.html>. Acesso em 18 de março de 2016.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLICA



Figura 1 Capa da revista *Época* em circulação na semana da 23ª fase da Operação Lava Jato

Na capa da revista *Época* que circulou na semana da 23ª fase da Operação Lava Jato, como apresentada na figura 1, acima, aparece a referência à *Operação Acarajé*, assim intitulada pela Polícia Federal. A manchete traz o enunciado “O trio acarajé”, aludindo às relações estabelecidas entre Marcelo Odebrecht, João Santana e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, cujas fotografias podem ser vistas, respectivamente, da esquerda para a direita, na imagem em evidência. Observemos que no citado enunciado o sentido do termo acarajé como sinônimo de propina, maracutaia, tramoia e outros termos semelhantes que se correlacionam a corrupção já se encontra estabelecido. É o novo sentido de acarajé, associado à também nova formação discursiva que assenta as suas bases na relação interdiscursiva da intersecção dos campos do discurso político, jurídico e midiático, respeitando-se a ordem dos acontecimentos que envolvem a Operação Lava Jato. Também fazendo referência à mesma ação da Polícia Federal, mas inscrito em outra formação discursiva, o termo acarajé passou a circular nas redes sociais virtuais, especialmente no *Facebook*, a partir do dia 29 de fevereiro de 2016, quando foi divulgado o texto *Carta de Mãe Beata de Iyemonjá às autoridades sobre o uso da palavra acarajé*, transposto sem correção para o quadro 1, a seguir:



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada
MARIA CECÍLIA MOLICA

Eu, Beatriz Moreira Costa, Mãe Beata de Iemanjá é com pesar que vejo dia a dia como a questão cultural no Brasil está piorando.

Que país é esse Olorum? A que ponto chegamos? Dar o nome do saboroso e sagrado ACARAJÉ a uma ação policial contra as falcatuas e ladroeiras promovida por elementos vis e perversos que não merecem ser comparados à palha que tiramos do feijão para fazer o acarajé, quanto mais ao ACARAJÉ.

Vou traduzir para vocês em yoruba: akara quer dizer pão e unjé quer dizer o que se come. Acarajé pão que alimenta. Acarajé para os nossos ancestrais é um alimento sagrado que se oferece aos Deuses da natureza em momento de celebração. Não existe Orixá que não se sinta feliz em receber um acarajé. Para os Orixás que comem azeite de dendê, ele é feito com o mesmo. Para Obatala e os Orixás fun fun ele é feito com a banha de ori, óleo de milho, girassol ou outro óleo qualquer. Não é para estar metido em rouba-lheira falta de caráter e falta de ética.

Eu, neste momento, como baiana e descendente dos meus ancestrais que foram capturados no solo sagrado da África, onde a história da humanidade começou, fico triste em ver um patrimônio de nossa cultura incluída nessa vergonha. Infelizmente, as leis estão aí, mas não são cumpridas. E vou até dizer uma coisa, esses ladrões são dignos de compaixão, não sabem o que falam, o que é cultura, o que é saúde, o que é humanidade. Até aí se vê o grau de insensatez que chegou os dirigentes de nossa Nação.

Xangô, deus da justiça, Iansã deusa das tempestades, raios e vulcões que com seus elementos sagrados cubram toda a perfídia.

O ACARAJÉ faz parte da nossa cultura, da nossa cidadania, é a nossa pertença.

Eu fui criada com muitas senhoras iyalorixas dignas e honradas do Recôncavo baiano que viviam do acarajé. Quem não conheceu em frente à Igreja da Purificação em Santo Amaro, Tia Encarnação que vendeu anos e anos o seu delicioso acarajé? Outras e outras mulheres negras faziam o mesmo em Cachoeira, no Acupe e em São Félix. A ladeira da Praça da Bahia, sempre decorada com as baianas vendendo os seus deliciosos acarajés. Ninguém era ladrão.

Em nome de Olorum, Senhora Presidente, a senhora que é uma mulher que tanta esperança colocou na minha ideologia de negra descendente de africanos escravizados, assim como o Senhor ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, desejo que o acarajé lhe dê força, sirva de ferramenta política para que a Senhora e outras estadistas de moral, caráter e vergonha respeitem os nossos ancestrais. A razão do pendão de nossa esperança chamado o Brasil.

Nesse momento tenho tristeza de dizer que sou uma brasileira. Não temo a morte e não voto para compartilhar com ladrões, ignorantes e sem cultura.

ACARAJÉ quer dizer cultura. Quem não gostar, quem não aceitar o meu protesto, eu tenho nome e sobrenome. Sou Beatriz Moreira Costa, iniciada na religião do candomblé. Sou baiana do Recôncavo, nasci no Iguape, no Engenho Novo, descendente de africanos escravizados. Ninguém põe cadeado na minha boca e nem corrente nas minhas pernas.

Vamos Tia Ciata, Anastácia, Clementina de Jesus, Sinhá Dionísia, Iyalorixa Olga Francisca Regis, Dona Senhora, Obabiy e todas as iyalorixas e babalorixas do Rio de Janeiro e de todo o Brasil, vamos gritar pelos nossos direitos. A lei existe só falta que enfrente esse desrespeito com a verdade, respeito, amor e esperança. Nossa nação merece a nossa luta. Vamos a ela.

Odide Orixás, odide todos os meus ancestrais, Mandela, Gandhi, Fela Kuti.

Acorda Senador Paulo Paim, Deputada Benedita da Silva, Ex-presidente do Supremo Joaquim Barbosa, é a nossa cultura que está sendo desrespeitada é a nossa pertença.

Nesse momento eu peço scorro até a ONU e o Brasil ao Ministério da Cultura.

Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 2016.

Beatriz Moreira Costa.

Mãe Beata de Iemanjá.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLICA

Quadro 1 – Carta de Mãe Beata de Iyemonjá às autoridades sobre o uso da palavra acarajé³

O documento transcrito no quadro 1, nesta seção, foi primeiramente publicado no *site* do terreiro de candomblé Ile Omiojuaro, uma instituição religiosa de matriz afrobrasileira. De autoria da Ialorixá Beatriz Moreira Costa, senhora octogenária nascida no Recôncavo da Bahia, mas que reside e tem sua carreira religiosa em destaque no Rio de Janeiro. Líder suprema e fundadora do terreiro de axé, em meados da década de 1980, seu contexto histórico-social e a posição que assume no texto em destaque permitem inscrever o termo acarajé, objeto de sua reflexão, na formação discursiva representativa das religiões de matriz afrodescendente. Por essa formação discursiva, como reivindica a autora do documento, acarajé não pode ser associado a “roubalheira, falta de caráter e falta de ética”. Ao contrário, o sentido de acarajé, alimento “saboroso e sagrado” pode ser explicado, ainda segundo a autora, pela etimologia do termo, de étimo na língua yorubá, “acarajé, pão que alimenta”.

O texto em destaque, ao fazer referência ao cenário político, jurídico e midiático da 23ª fase da Operação Lava Jato o faz para contestar o *novo* sentido de acarajé, em funcionamento naquela outra formação discursiva, sentido que passou a circular nos muitos textos que têm origem a partir dos acontecimentos dessa fase da Operação Lava Jato, especificamente aqueles que inscrevem o sentido de acarajé como “propina paga em dinheiro”, como foi priorizado no enunciado “O trio acarajé”, da figura 1, como vimos. A carta da Mãe Beata de Iemanjá apresenta ainda a oposição entre as “muitas senhoras iyalorixas dignas e honradas do Recôncavo baiano que viviam do acarajé” e aqueles que primeiro usaram o termo acarajé com o sentido de “falcatruas e ladroeiras”. Esses “elementos vis e perversos que não merecem ser comparados à palha que tiramos do feijão para fazer o acarajé” são, no conceito da missivista, “ladrões dignos de

³Disponível em <http://www.ileomiojuaro.com.br/carta-mae-beata-de-iyemonja-as-autoridades-sobre-o-uso-da-palavra-acaraje>. Acesso em 14 de março de 2016.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLICA

compaixão” porque “não sabem o que falam, o que é cultura, o que é saúde, o que é humanidade”.

Na carta nota-se ainda, por força da formação discursiva que a sustenta, a oposição entre “o solo sagrado da África, onde a história da humanidade começou” e “este país” em que “dia a dia a questão cultural do Brasil está piorando”. Aqui, no Brasil de hoje, dá-se “o nome do saboroso e sagrado ACARAJÉ a uma ação policial [Que país é esse Olorum?]” e lá, terra e tradição “dos nossos ancestrais”, onde acarajé “é um alimento sagrado que se oferece aos Deuses da natureza em momento de celebração”. Contudo, este país da roubalheira, dos “ladrões, ignorantes e sem cultura” não estaria ao todo perdido. Haveria um? A razão do pendão da nossa esperança chamado o Brasil”. Para tanto, contaríamos com a ajuda dos deuses da natureza: “Xangô, deus da justiça, Iansã deusa das tempestades, raios e vulcões que com seus elementos sagrados cubram toda a perfídia”. Os sentidos de acarajé, em oposição entre *propina paga em dinheiro e alimento sagrado dos deuses da natureza* comprovam a tese de Pêcheux (1997, p. 160) conforme já citamos, de que “as palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Pode-se realmente admitir, segundo ainda Pêcheux (1997, p. 161) que “as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva a outra”.

O contexto sócio-histórico e cultural do Brasil de hoje não nos autoriza a reivindicar o sentido de formação discursiva inscrito no esboço teórico e epistemológico da luta de classes, tal como a compreendia Pêcheux (1997), inserido na sócio-história das correntes marxistas ainda em evidência na Europa na década de 1970. Entretanto, ainda permanece atual a proposição de que a formação discursiva “determina o que pode e deve ser dito”, seja o sentido de acarajé articulado como propina, no contexto da 23ª fase da Operação Lava Jato, como vimos na capa da revista *Época* (figura 1), descrita no início desta seção, seja articulado na carta que circulou nas redes sociais no fim de fevereiro e início do mês de março de 2016, “alimento sagrado, comida dos deuses”.



3 Nossa proposição, como palavras finais

A proposição que deixamos até aqui subjacente ao trazermos o conceito de formação discursiva apresentado por Pêcheux (1997) para análise dos textos dimensionados na figura 1 e no quadro 1, na seção anterior, é a de que os procedimentos metodológicos da Sociolinguística e da Dialetologia, conforme discutimos no início deste artigo, precisam dar conta dos possíveis sentidos dos termos de acordo com o contexto real de sua ocorrência, isto é, para além dos sentidos aferidos pelo pesquisador através de seus instrumentos tradicionais de coleta e análise dos dados. Diante disso, o conceito de formação discursiva, de há muito em uso e assaz produtivo nos trabalhos que se filiam teoricamente à AD, se não pode necessariamente ser uma ferramenta de trabalho para as pesquisas em Sociolinguística e Dialetologia, porque oriundo de um campo epistemológico em certos aspectos divergente no que se refere às concepções de língua, de texto, de discurso e de sujeito, por outro lado pode ao menos ser objeto de reflexão, seja sobre a pertinência de se levar em consideração os traços ideológicos para a compreensão dos processos de variação e mudança, no âmbito da Sociolinguística, seja para a representação dos atlas linguísticos, no campo da Dialetologia.

Além disso, a dinâmica das redes sociais virtuais, bem como o uso intensivo dos equipamentos eletrônicos de comunicação, trazem para a Sociolinguística e para a Dialetologia o desafio de repensarem os métodos e/ou procedimentos de coleta e análise dos dados. A emergência das redes sociais virtuais de comunicação promoveu certa “desterritorialização” dos sujeitos. A constante imersão dos usuários profícuos às redes sociais e às múltiplas experiências linguísticas promovidas pela rede mundial de computadores possibilita certamente o desenvolvimento de habilidades e aquisição de traços culturais e linguísticos possivelmente ainda não detectáveis e/ou avaliáveis pelos instrumentos e procedimentos tradicionais de coleta e análise dos dados. Ainda que tanto a Sociolinguística quanto a Dialetologia há muito tempo se preocupem com a



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 6 • Número 18 • Maio 2016

Edição Especial • Homenageada

MARIA CECÍLIA MOLLICA

“relevância das variáveis não linguísticas”, conforme citamos de Mollica (2004), ou ainda a preocupação em agregar as experiências sócio-culturais dos informantes como procedimento da pesquisa dialetal, como vimos em Cardoso (2010), tais procedimentos podem não dar conta da percepção dos sentidos de termos como *acarajé*, em circulação nas redes sociais virtuais de comunicação e/ou apreendidos pelas múltiplas experiências que os equipamentos eletrônicos de comunicação permitem aos seus usuários ou ainda pelo jogo ideológico de oposição pela inscrição dos termos/sujeitos a formações discursivas divergentes, como exemplificamos com os sentidos do termo *acarajé* no contexto da 23ª fase da Operação Lava Jato e na Carta de Mãe Beata de Iyemonjá.

Referências

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 27-31.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

Recebido Para Publicação em 20 de abril de 2016.

Aprovado Para Publicação em 28 de junho de 2016.